

Maria Ondina Braga: confissões de um “Natal chinês”

Maria Ondina Braga: confessions of a “Chinese Christmas”

Elizabeth Gonzaga LIMA*

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO: Maria Ondina Braga trabalhou como professora em Macau entre 1961 a 1965, demarcando a presença da cultura portuguesa nesse território, que recebeu ainda os poetas Luís Vaz de Camões, Manoel Maria Du Bocage e Camilo Pessanha. Sem mirar em grandes feitos no livro *A China fica ao lado*, a escritora, no conto “Natal Chinês”, por meio do relato de uma professora portuguesa, traz à memória as minúcias dos acontecimentos vivenciados durante os festejos natalinos. O trabalho analisa as confissões da protagonista ao desvelar os conflitos interculturais, os dramas existenciais que emergem no espaço do colégio de freiras em Macau no período de Natal, quando histórias pessoais e nacionalidades diversas se entrecruzam e se revelam.

PALAVRAS-CHAVE: Natal chinês. Confissões. Conflitos interculturais. Dramas existenciais.

ABSTRACT: Maria Ondina Braga worked as a teacher in Macao between 1961 and 1965, marking the presence of Portuguese culture in this territory, which also received the poets Luís Vaz de Camões, Manoel Maria Du Bocage and Camilo Pessanha. Without looking at great deeds in the book *A China fica ao lado*, the writer, in the tale “Natal Chinês”, through the account of a Portuguese teacher brings to memory the details of the events experienced during the Christmas celebrations. The paper analyzes the confessions of the protagonist in unveiling the intercultural conflicts, the existential dramas that emerge in the space of the nun college in Macao during the Christmas period, when personal histories and diverse nationalities intertwine and reveal themselves.

* Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas e Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, é docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens e do curso de Letras. Email: betylma@gmail.com

KEYWORDS: Chinese Christmas. Confessions. Intercultural conflicts. Existential dramas.

Introdução

O imaginário ocidental acerca das riquezas fabulosas no Oriente instigou inúmeros viajantes a encontrar este mundo desconhecido dos mapas europeus, entre estes os portugueses, que graças ao projeto expansionista alcançaram, entre os séculos XV e XVI, a Ásia, além da África e da América. A conquista definitiva das terras com o estabelecimento de colônias traduziu-se na tentativa de implantação da cultura lusitana; porém em nenhum desses territórios houve a absorção plena da cultura do colonizador, mas antes ocorreram misturas, adaptações e intercâmbios. E Macau, no extremo Oriente asiático, ainda que apresentasse uma interface marcadamente multiculturalista, demonstrou forte resistência à assimilação da cultura de Portugal. É provável que a proximidade do território chinês, a dificuldade da maioria dos macaenses no traquejo com a língua portuguesa e a rejeição dos dogmas cristãos, tenha favorecido a distância cultural que foi sendo estabelecida entre colonizador e colonizado ao longo dos séculos de permanência portuguesa. Na década de 1970, com o processo de descolonização portuguesa na África, Macau entra no ciclo de busca de sua autonomia interna. A partir de 1987 ocorre a transição de Macau para o domínio da República Popular da China, que se oficializa em 20 de dezembro de 1999. Na cerimônia de transferência de poderes de Macau, Jorge Sampaio, Presidente da República Portuguesa, declarou:

Para Portugal não se trata, apenas, de realizar, de forma solene, a transferência para a República Popular da China do exercício da soberania sobre Macau, mas de, com essa transferência reafirmar, perante a comunidade internacional, aqui tão largamente representada, o seu empenho solidário no futuro do território, no quadro do estatuto de autonomia garantido pela declaração conjunta Luso-Chinesa. (SIMAS, 2007, p. 9)

Ao longo desses séculos de domínio luso, a presença de escritores portugueses em Macau marcou a relação cultural entre os dois países, desde a polêmica passagem de Luís Vaz de Camões, no século XVI, a Manuel Maria Du Bocage no século XVIII,

Camilo Pessanha no XIX e Maria Ondina Braga no XX.

A controversa estadia de Camões, refutada por historiadores como Charles Boxer (BARATA, 1999), resultou na construção do imaginário em torno da “Gruta Camões”, onde supostamente o poeta teria escrito parte de sua epopeia, *Os Lusíadas*. A sacralização do local constituiu assim uma referência cultural e literária para Macau e ao mesmo tempo inventou uma tradição, segundo a acepção de Eric Hobsbawn (1997, p. 9):

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

A Gruta Camões tornou-se, sob esta perspectiva, local de peregrinação para admiradores da literatura e para curiosos em geral. Se verdade, mito ou tradição inventada, não houve nenhuma iniciativa oficial para desfazer a polêmica; ao contrário, o local foi preservado, de 1923, quando iniciou oficialmente o culto a Camões por iniciativa do Governador Rodrigo Rodrigues, terminando em 1999, segundo relata Mônica Simas (2007). Contudo, ao longo de quase um século, configurou-se como uma representação simbólica da presença portuguesa em solo macaense, reforçando, de certa maneira, a vocação intercultural da península.

Manuel Maria Du Bocage passou também pela experiência de viver em Macau, entre 1789 a 1790, buscando como outros viajantes o decantado exotismo e a aventura que o território acenava para os visitantes de além-mar, como indicam os versos do poeta:

Por bárbaros sertões semi vagante
Até aos mares da longínqua China
Fui por bravos tufões arrebatado.

Ou

A vasta, a fértil China

Fofa de imaginária antiguidade
Pelo seu próprio pingue seio
Te viu com laço pé vagar mendigo.
(BOCAGE apud AZEVEDO, 1984, p. 35)

Em fins do século XIX, precisamente em 1894, desembarca uma das figuras literárias mais discutidas e marcantes dessa passagem de escritores portugueses por Macau, o simbolista Camilo Pessanha; designado professor no Liceu de Macau, vivenciou uma relação conflituosa com a cultura macaense e, por conseguinte, a chinesa. O olhar colonialista do intelectual europeizado marcou os escritos do poeta sobre essa cultura:

Ignorância, boçalidade, superstição, deslealdade, covardia, avareza, sensualidade, crueldade, desfaçatez, cinismo, atonia moral... E, coexistindo com estas qualidades morais negativas, a agravar-lhes o efeito imprevisível dos contrastes e pelo disparatado das situações, a inextricável trama de preconceitos, de fórmulas e de convenções [...] dando a todas as relações um acentuado tom de hipocrisia e enredando de dificuldades a vida social, transformada em uma permanente comédia vazia de sentido. (PESSANHA, 1988, p. 122-123)

No entanto, os chineses igualmente estranhavam a figura esquelética de Camilo Pessanha, daí o apelidarem de *pun-tui-yan-mean*, isto é, “morto-vivo” (AZEVEDO, 1984). Ainda que mergulhado numa vivência errática em terras macaenses e buscando desvendar o exotismo da arte e da língua chinesas pelo estudo sistemático, sua poesia não recebeu influxos desse ambiente. A lírica de Pessanha não expressou influências orientais, o que ele próprio justifica:

Ora a inspiração poética é emotividade, educada, desde a infância e com profundas raízes, no húmus do solo natal. É por isso que os grandes poetas são em todos os países os supremos intérpretes do sentimento étnico. Toda a poesia é, em certo sentido, bucolismo; e bucolismo e regionalismo são tendências do espírito inseparáveis. [...] Os poucos [poetas] que vagueiam e se definham por longínquas regiões, se acaso escrevem em verso, é sempre para cantar a pátria ausente, para se enternecerem (os portugueses) ante as ruínas da antiga grandeza da pátria e, sobretudo, para dar desafogo à

irremediável tristeza que os punge. (PESSANHA apud ELZENGA, 2009, p. 25)

Nota-se que, na passagem de Bocage e Pessanha por Macau, ainda que a realidade local tenha contagiado esses poetas, suas visões demonstram certo distanciamento em relação ao outro, o colonizado. A relação utópica com a pátria portuguesa superava o desprendimento de vivenciar outra cultura sem preconceitos e reservas. Há certo etnocentrismo de Pessanha que ora demonstra aversão, ora negativismo em relação ao exílio macaense, mas, acima de tudo, um profundo desenraizamento cultural, pois, em terras portuguesas a passeio, não se sentia bem e desejava retornar a Macau, lá suspirava pelas paisagens lusitanas. Assim, o exílio voluntário de Pessanha mostrava-se doloroso, desenraizado, e o poeta enxergava a experiência intercultural pelas lentes de sua crise existencial, do sem-lugar:

Cobrem nuvens a vastidão dos dois Kuangs.
Declina, pálido, o sol, sobre Pang-Lai
Desterrado da pátria e sem notícias dela
Para essas bandas volvo de contínuo os olhos.
(PESSANHA apud SIMAS, 2007, p. 118)

Maria Ondina Braga, escritora introspectiva, mas de espírito aventureiro, viveu e estudou em Paris, Londres e trabalhou como professora em Angola, Goa, Macau e Pequim, notabilizando-se também pelo ofício de tradutora. Sua produção literária abrange o conto, a crônica, o romance, formas permeadas pelo tônus autobiográfico, encarnando ainda o narrador “marinheiro” de Benjamin (1985, p. 198), pois “quem viaja tem muito que contar”. E é a essa família de narradores que pertence a autora de *A China fica ao lado*, pois suas andanças por diversas culturas construíram uma miríade de histórias para contar. Entre estas narrativas de viagens, caracterizadas por cenas cotidianas, até certo ponto banais, o olhar da narradora portuguesa mira uma celebração natalina em Macau, onde estão reunidas estrangeiras solitárias. Na contramão do clima festivo, emergem dramas existenciais, sintetizados na personagem da Sra Tung, que aponta, em última instância, para um conflito intercultural, circunstância que esta breve leitura pretende analisar no conto “Natal chinês” de Maria Ondina Braga. Se o exílio em

Macau para Bocage e Pessanha ressaltou um olhar distanciado e, por vezes, crítico do espaço e em relação aos nativos, já para a escritora, a experiência em solo estrangeiro motivou o mergulho na subjetividade do outro a fim de estabelecer elos de proximidade.

1. “Macau, vilazinha presépio”: Maria Ondina Braga

Andreas Huyssen aponta, em *Seduzidos pela memória* (2000), que vivemos sob o signo da memória, e a ficção de Maria Ondina Braga configura-se sob esse signo, por ser uma escritora de acentuado pendor memorialista, como revelam os romances *Estátua de sal* (1983) e *Nocturno em Macau* (1991), além das crônicas *Eu vim para ver a terra* (1965) ambientadas em Angola, Goa e Macau, os livros de contos *A China fica ao lado* (1968), *Amor e Morte* (1970), *A revolta das palavras* (1975), entre outros. Ondina Braga apresenta em suas narrativas, de um lado, a face de cronista que recolhe as trivialidades e os estilhaços da existência humana, lançando luz nos recônditos e zonas de sombra, e de outro, a memorialista que pretende perpetuar pela escrita seus momentos e daqueles que a cercaram no passado.

Os contos de *A China fica ao lado* relatam as visões de um “eu” que traz à tona conflitos do interior da cultura macaense que convergem para a expressão de dramas existenciais como a solidão, a tristeza, a culpa, representações tecidas pelo fio das memórias do olhar estrangeiro, mas não estranho da narradora portuguesa, como ela ressalta no conto “A pousada da amizade”, “Eu gostava de viver ali, embora estrangeira entre os demais. Estrangeira mas não estranha. Apenas não chinesa” (BRAGA, 1991, p. 94). Sob essa perspectiva, as lembranças da escritora distam em muito das memórias gloriosas dos primeiros viajantes a Macau, que, por força da sedução pelo exótico oriental, descreviam coisas, lugares e descobertas extraordinárias, plasmadas pelos heroicos feitos portugueses. Já na estadia da professora, o ordinário, o banal, o cotidiano em suas miudezas quase imperceptíveis tecem as lembranças mais imediatas. O reparar e o observar não buscam descobrir novos mundos, territórios, mas encontrar o outro e desvendá-lo sem distâncias ou reservas, contrapondo-se assim às visões apresentadas por Bocage e Pessanha na vivência de ambos em Macau.

Eugênio Lisboa (1975, p. 82) assinala que *A China fica ao lado*, de Maria

Ondina Braga, “é um livro invulgarmente atraente: porque é feminino e porque é incômodo”. E por que feminino e especialmente incômodo? É possível levantar algumas hipóteses. O livro possui quatorze contos que rememoram o exílio voluntário da autora/narradora em Macau, como professora de um colégio religioso, espaço de encontro/desencontro intercultural de chinesas, mestiças, francesas, portuguesas entre outras nacionalidades, predominando um universo feminino e solitário. Circunstância observada pela narradora:

Encontrávamo-nos então ao chá. E diante das batatas cozidas, dos pires de açúcar, das tigelas fumegantes, sentava-se ao lado de Miss Carol, ao nosso lado (à mesa de toalha de oleado e loiça grosseira) a Tristeza, ou a Pobreza, ou a Solidão, não sei bem. Sei só que era feminina e incomodava. (BRAGA, 1991, p. 19)

As narrativas não se estruturam em torno de uma ação propriamente dita, mas antes seguem os ritmos da imobilidade e da digressão, permeadas por certo teor lírico, apresentando cenas intimistas e introspectivas. O detalhismo, as minúcias, obra-prima de descritivismo, termina construindo uma perspectiva de profundidade, pois a matéria que envolve os contos é a memória, que nesses textos se constitui pelo olhar. O sentido da visão é plenamente exercido nos contos ao captar cada detalhe do espaço e das personagens, tentando desvendar-lhes segredos e enigmas:

Quando por fim atravessávamos a cerca a caminho de casa, sob uma lua branca, espantada, anunciadora do Inverno para a madrugada, a senhora Tung, abria-se em confidências. (BRAGA, 1991, p. 83)

Tais aspectos podem provocar um efeito de estranhamento no leitor já automatizado pelos contos que se estruturam na sequência tradicional de ação, clímax e desfecho, pois os textos que compõem o livro *A china fica ao lado* caracterizam-se intensamente pelo tom confessional e pelo hibridismo, ao transitar entre o conto, a crônica e a narrativa memorialística. Ao longo da leitura instaura-se a sensação de que a autora pinta quadros com palavras, uma pintura chinesa delicada, repleta de minúcias, ao mesmo tempo em que os contos apresentam a textura de crônica, pois a narradora

recolhe as miudezas do cotidiano e dos dramas das exiladas em Macau, configurando uma nova dimensão aos pequenos e banais acontecimentos, como na cena do ritual do chá, que a maestria descritiva da autora converte em um momento de extrema singularidade:

A hora do chá havia batata-doce. Descascávamos os tubérculos cozidos, quentes, vermelho escuros, com uma faquinha de osso, e embrulhávamos-los em açúcar. O chá, de jasmin, era amargo e aromático. (BRAGA, 1991, p. 15)

Entretanto, não é o conjunto da sociedade macaense que merece a eternização pela escrita de Ondina Braga, há um segmento que mobiliza seu olhar, o universo feminino com seus dramas íntimos. Por isso a experiência como docente no colégio religioso em Macau converte-se em espaço ideal para narrar e reinventar esse mundo invisibilizado pela macrossociedade de Macau e tornado visível nos contos de *A China fica ao lado*. De certa maneira, o colégio se configura como metonímia de Macau; nele a convivência entre culturas diferentes, visões de mundo que se entrecruzam, terminam por aflorar revoltas e dores íntimas, em função de se viver por inúmeras razões, numa terra de exílio, refletindo o sentimento de outros exilados que viviam no comércio e nas ruas movimentadas de uma babel oriental, em que os falares em chinês, português, cantonês, mandarim, entre outros, criavam o estranhamento, a distância entre os habitantes e não era diferente no colégio das freiras.

2. Memórias de um olhar estrangeiro

Mas o que o olhar estrangeiro da narradora capta em suas memórias? Marilena Chauí (1998, p. 33), em “Janela da alma, espelho do mundo”, assinala que “a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si”. E é esse compasso de simultaneidade que Maria Ondina Braga imprime no conto de “O Natal chinês”, quando a princípio, o esvaziamento de si em função de narrar o outro tece intrincados fios em

sua memória, para em seguida serem desenrolados no tempo da narrativa. O título do conto anuncia que não se trata de um Natal genérico, mas chinês, e justamente por isso causa estranhamento ao leitor ocidental devido às referências não cristãs dos chineses. E em Macau não era diferente, a maioria da população nunca foi católica, fazendo com que a festa se limitasse à comunidade católica e, especialmente, portuguesa. Segundo relato de Leonel Barros:

A quadra festiva do Natal era assinalada, como de costume, com a tradicional Missa do Galo nas igrejas, exposição de presépio e a presença de árvores de Natal nas escolas e instituições de caridade. As igrejas paroquiais de Macau e as restantes enchiam-se de fiéis, na noite de 24, para a tradicional Missa do Galo, umas cantadas e outras rezadas. As missas eram acompanhadas de cânticos próprios da quadra. (...) As congregações marianas concentravam-se na Igreja de São Domingos, onde assistiam à missa, que era acompanhada de cânticos. Nesta igreja, como nas restantes, havia uma grande afluência de fiéis à mesa da Comunhão e à cerimónia de 'beijar o Menino Jesus. (BARROS apud BOTAS, 2014)

No entanto, o clima de brilho, celebração, troca de presentes e comida farta, terminava por seduzir alguns macaenses a vivenciar o melhor dos festejos natalinos portugueses e do ano novo chinês.

Nos primeiros anos da década de 1960, quando supostamente ocorrem os eventos contados pela escritora, o natal ainda não havia recebido a dimensão consumista e midiática que se acentuou nos tempos atuais, especialmente na China, devido à sedução pela cultura ocidental. As extensas e diversas narrativas históricas e literárias, ao longo de dois milênios, trazem a referência religiosa imediata da festa natalina enquanto celebração do nascimento de Jesus Cristo, considerado encarnação divina, vindo à terra de forma humilde com a missão de salvar a humanidade.

O primeiro Natal ocorreu em uma manjedoura, já trazendo um dos elementos fundamentais na simbologia natalina, a família reunida. Com o passar dos séculos, a celebração religiosa ganhou contornos culturais e modificou-se conforme as mudanças comportamentais e culturais das sociedades cristãs. Aos poucos, encetou-se na narrativa natalina a lenda de São Nicolau, o Pai Natal ou Papai Noel, que encarnou, graças à

publicidade, a figura do consumismo. Ano após ano, repete-se, exaustivamente, nos meios de comunicação de massa, a figura do velhinho gordo e bonachão, levando um saco de presentes nas costas e uma Coca-Cola na mão, e, nesse rastro, as celebrações passaram a se basear em banquetes, muitas luzes, cânticos, seduzindo assim culturas não cristãs, em virtude da festa pela festa.

Contudo, a essência do Natal pode ser vislumbrada na reunião e na união das famílias, momento em que se renova a esperança no amanhã e a solidariedade entre os povos. Não se cogita um natal com um clima oposto a este, em que prevaleça tristeza ou solidão. Porém, são os dramas existenciais que as pessoas procuram ocultar no cotidiano, especialmente em períodos de festas, que o olhar de Maria Ondina Braga vai captar. Escolha de representação que remete à reflexão de Foucault sobre a possibilidade aberta pelo discurso literário de não narrar somente feitos grandiosos, mas antes:

O insignificante deixa de pertencer ao silêncio, ao rumor passageiro ou à confidência fugaz. Todas aquelas coisas que constituem o ordinário, o pormenor insignificante, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, – mais, escritas. (FOUCAULT, 1992, p. 117)

No “Natal chinês”, a narradora demonstra esta circunstância a partir do drama da Sra. Tung, mãe de uma das freiras (a subdiretora do colégio), que comemora alegremente o natal ocidental, centrado na figura do Cristo, mas secretamente venera a Deusa da fertilidade, crença comum no Oriente, ocasionando o conflito religioso na personagem, o que para a maioria das pessoas poderia ser considerado banal, insignificante, mas estes acontecimentos, na voz da narradora, ganham outra proporção:

E aquele mistério da virgindade de Nossa Senhora! Virgem e Mãe ao mesmo tempo... Não se lia no Gênesis: “O homem deixará o pai e a mãe para se unir a sua mulher e os dois serão uma só carne?” Não era essa a lei do Senhor? Porquê então a Mãe de Cristo diferente das outras, num mundo de homens e de mulheres onde o Filho havia de pregar o amor? A Deusa da Fecundidade, patrona dos lares, operava milagres, sim, mas racionalmente, atraindo a vontade do homem à da sua companheira e exaltando essa atracção. Como a Natureza com os seres vegetais e animais. Como o Céu alagando a Terra na estação própria. (BRAGA, 1991, p. 83)

Narrar esse “Natal chinês” em sua dimensão de beleza solitária configura-se como uma maneira da narradora de preencher o vazio, a solidão que aquele momento evocou, transformando a ausência em presença. Reviver totalmente esse passado é impossível. Tem-se estilhaços, fragmentos, reconfigurados no espaço do colégio, e em particular, no refeitório:

Ficávamos, assim, a senhora Tung e eu, uma em frente da outra. À luz das velas olorosas do centro de mesa, os seus olhos eram dois riscos tremulantes. Sorríamos. Finalmente, o reposteiro ao fundo da sala apartava-se. Uma das criadas entrava, silenciosa. Servia-se vinho de arroz. (BRAGA, 1991, p. 82)

3. Espaços de solidão, espaços de confissão

Em *A poética do espaço*, Gaston Bachelard observa que um número grande de nossas lembranças estão guardadas na casa e ao longo da vida, este espaço ressurgem em nossos devaneios. É o espaço e não o tempo, segundo o filósofo, que anima as nossas memórias:

No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso. (BACHELARD, 1974, p. 360-361)

O espaço no conto “Natal chinês” limita-se às dependências do colégio, mas era o refeitório que materializava, mais do que qualquer outro lugar, nessa noite de comemoração, uma solidão visceral:

Nesses dias, com as meninas em férias, o refeitório do colégio parecia maior e mais desconfortável: só eu e Miss Lu nos sentávamos à mesa comprida das professoras. (BRAGA, 1991, p. 81)

O exilado, por diversas razões, vive em um espaço que não é o seu de origem, sendo necessárias novas adaptações para sua sobrevivência, por isso pequenos eventos, pequenas alegrias tomam grandes proporções, como o chocolate servido como surpresa:

No fim das três missas vinham outra vez as três freiras ao refeitório do colégio para trocarem conosco o beijo da paz e nos oferecerem a tigela fumegante do chocolate. Vinham e partiam logo (tarde demais para se demorarem) e, Miss Lu, fanática terceira-franciscana, sempre atenta aos passos das monjas, sorvia à pressa o líquido escaldante, como quem cumprisse um dever, e saía atrás delas”. (BRAGA, 1991, p. 82)

Nesse Natal, no colégio das freiras, nem o chocolate quente e o vinho disfarçavam o sentimento de solidão que o espaço aprofundava:

Creio que o vinho de arroz figurava entre as bebidas proibidas no colégio e chegava ali por portas travessas. O certo, contudo, é que ambas bebíamos a acompanhar os bolos de sésamo, no grande e deserto refeitório na noite de Natal. (BRAGA, 1991, p. 82)

Maria Ondina Braga soube como ninguém iluminar nesse conto as zonas de sombra, procurando desvelar segredos, a intimidade, não por mera curiosidade, mas antes munida de um olhar solidário e compreensivo em relação a suas companheiras na solitária noite de natal. O que nivela as personagens do “Natal chinês” e dos outros contos de *A China fica ao lado*, não é propriamente o cotidiano, a vida rotineira e sem grandes novidades no colégio, ou a tentativa de preservação da dignidade nos quartinhos sufocantes da pousada, mas antes a solidão que tais espaços evocavam nos outros e na própria narradora, que lança um olhar incansável para esses habitantes da solidão. E esses espaços de solidão, especialmente o emblemático espaço do refeitório, marcam profundamente as memórias da narradora, no sentido proposto por Bachelard (1974, p. 361):

E todos os espaços de nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão são em nós indeléveis. E é o ser precisamente que não quer apagá-

los. Ele sabe por instinto que os espaços da sua solidão são constitutivos. Mesmo quando esses espaços estão para sempre riscados do presente, estranhos a todas as promessas de futuro, mesmo quando não se tem mais nenhum sótão, mesmo quando a água-furtada desapareceu, ficará para sempre o fato de termos amado um sótão, de termos vivido numa água-furtada. Voltamos a esses lugares nos sonhos noturnos. E esses redutos têm valor de concha.

A festa natalina no colégio era permeada pela formalidade: “Nessa noite assistiam três freiras ao nosso jantar (a regra não lhes permitia comer conosco)” (BRAGA, 1991, p. 81); contudo, a memória gustativa da narradora demonstra que os alimentos da ceia convertiam-se em elementos de aproximação entre as solitárias daquele Natal chinês:

Eram bolos de farinha fina de arroz amassada com óleo de sésamo [...]
O chocolate era a esperada surpresa da diretora [...]
O vinho de arroz queimava-me o peito e fazia vir lágrimas aos olhos [...]
Aldegundes, a criada macaense, mais antiga do colégio, aparecia com as especialidades da terra: *aluares*, *fartes* e *coscorões* [...]. (BRAGA, 1991, p. 82)

Em “O Natal chinês”, além da presença palpável da solidão no momento de uma festa símbolo de união e reunião das famílias, o fio de um segredo desponta na figura da senhora Tung, mãe da irmã Men Chou, que todo ano vinha de Formosa para Macau a fim de passar a festa cristã com a filha. Desde a chegada da senhora Tung ao colégio, ela torna-se objeto de observação da autora/narradora:

Costumava vê-la logo de manhã, com a irmã jardineira, no pátio maior, a admirar as laranjeiras anãs nos vasos de loiça. Via-a casualmente a contemplar embevecida o presépio do convento. (BRAGA, 1991, p. 81)

A crença no Jesus cristão, manifestada publicamente pela mãe da irmã Men Chou, era abalada por uma crença velada na Deusa da Fecundidade. A autora/narradora suscita uma dúvida no leitor, se havia sido o clima natalino ou a cumplicidade entre

estrangeiras em terra alheia que propiciou a aproximação entre a professora e a senhora Tung, a ponto de a chinesa derramar suas confidências. Estas revelavam seu conflito religioso, que reverberava em culpa, por venerar a Deusa da Fertilidade e, ao mesmo tempo, declarar-se cristã, confissão que instaura um clima de intimidade entre as duas:

Talvez se pudesse chamar cristã pelo espírito, mas o coração atraía-a. O coração continuava apegado a antigas devoções... Todavia, vestira-se de gala para a festividade da meia-noite, tinha no quarto o Menino Jesus cercado de flores, e a alma transbordava-lhe de alegria como se cristã verdadeiramente fosse. (BRAGA, 1991, p. 82)

No quarto da senhora Tung encontrava-se o entrelaçamento conflituoso entre cultura e crença:

Convidava-me a ir ver o seu presépio. O quarto cheirava incenso. Em cima da cômoda, entre flores, lá estava o Menino Jesus, de cabaia de seda encarnada, sapatinhos de veludo preto, feições chinesas. (BRAGA, 1991, p. 83)

Enquanto o menino Jesus ganhava destaque no presépio, pronto para ser admirado em suas feições chinesas, a estatueta da Deusa da Fecundidade ocupava a dimensão da intimidade, da vida secreta, ao habitar a gaveta da cômoda, “timidamente, a senhora Tung abria a gaveta... e surgia a deusa” (p. 83). Segundo Bachelard (1974, p. 406), “O armário e as prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta”. Sob essa perspectiva, o segredo da senhora Tung, compartilhado com a narradora, desvela a dimensão íntima de uma mulher que vivencia a dramática divisão entre a religiosidade oriental e a ocidental, mas que em última instância desvela rastros do colonialismo português em Macau.

Ricardo Piglia (1994, p. 39) preconizou:

O conto é uma narrativa que encerra uma história secreta. Não se trata de um sentido oculto que depende da interpretação: o enigma não é senão uma história que se conta de modo enigmático.

O enigma proposto por Ondina Braga é construído numa improvável noite de

Natal de mulheres solitárias, numa festa permeada pela formalidade, momento em que se delineia um dos sentidos do natal, a aceitação das diferenças. Nesse conto, a aproximação entre duas mulheres de idade, crença e nacionalidades diferentes, mas que se igualam no desejo de companhia, de ser ouvidas e compreendidas da maneira que são, aponta para o clima que o natal tenta instaurar.

A confiança do segredo de uma senhora chinesa a uma professora portuguesa, significou estabelecer pontes com o outro e, nesse caso, confirmado pelo olhar, “Os olhos da senhora Tung atentavam nos meus. Como se à procura de compreensão, mas as suas palavras prontas (a deter as minhas?) eram de autocensura” (BRAGA, 1991, p. 83).

O enigma ou o mistério da Sra. Tung, a história secreta implícita no conto, de certa forma, mimetiza o mistério que envolve o natal, que tem como essência a encarnação humana do filho de Deus, segundo os preceitos do cristianismo, fazendo com que a celebração seja repleta de simbologias. Entretanto, o relato de Ondina Braga, a meio caminho da ficção e da confissão, não deixa de ser uma reflexão acerca dos efeitos da colonização portuguesa na China que impôs a crença no catolicismo, mas não impediu que ecos culturais dos chineses fizessem emergir o drama cultural entre duas visões do sagrado.

Ademais, a narradora desvenda que a festa reúne mulheres solitárias, em um ambiente cercado pela formalidade e distanciamento, no qual as guloseimas tornam-se os maiores atrativos, sem alcance do transcendente, como se espera de uma celebração plasmada pelo sagrado e por símbolos de nascimento, como a esperança no amanhã. No entanto, em meio a esse clima solitário de mulheres de culturas estrangeiras, mas não estranhas, houve um encontro que celebrou discretamente a união e a cumplicidade.

Considerações Finais

Segundo Eduardo Lourenço (1999), os portugueses fizeram da saudade uma espécie de enigma, uma essência do seu sentimento da existência, transformando-a em mito; e Ondina Braga, na introdução aos contos de *A China fica ao lado*, assinala:

Macau segundo se anuncia, não será para o Portugal do futuro mais que uma saudade e que, no entanto, há cerca de três décadas, eu teimo, desinteressada

e pacientemente, em perpetuar pela pena. (BRAGA, 1991, p. 5)

Tal confissão demonstra que a experiência em Macau marcou de forma indelével o desejo de eternizar os momentos vividos em um território caracterizado pela complexidade das relações pessoais, sociais e políticas.

Nas palavras da escritora, é possível vislumbrar a importância e o papel que a memória ocupa em sua escrita, ao relembrar, por meio de contos, crônicas e romances, sua experiência de viver e trabalhar em Macau, concretizando a recriação desse mundo pela palavra. E esse “perpetuar pela pena” indica que essas lembranças são construídas sob o signo da saudade, fazendo jus à análise de Lourenço em relação ao saudosismo que marca a alma portuguesa.

De certa maneira, Ondina Braga reatualiza o mito do exílio de Camões e de Camilo Pessanha. No entanto, enquanto o poeta quinhentista mirava o olhar na “dilatação da fé e o império” por meio da forma épica, o poeta simbolista Camilo Pessanha transbordava através da forma lírica seu desenraizamento e nostalgia da pátria, enquanto Ondina Braga, por sua vez, destituída dos arroubos dos grandes feitos ou narrativas épicas, direcionava seu olhar para as pequenas coisas, situações e acontecimentos, como o Natal. O excesso de brilho dessa festividade termina por cegar as pessoas em relação aos dramas existenciais e corriqueiros, que às vezes acontecem nesses períodos, por isso são pouco percebidos, ainda mais em um ambiente marcado pelo formalismo como no colégio das freiras.

A narradora não expressa confissões pessoais, antes o centro da narrativa é a experiência comum de vivenciar o Natal em uma cultura estrangeira, mas voltando o foco da observação para o outro. A subjetividade dela não está em causa, prova disso é que inexistem comparações a um Natal português em família e mesmo um traço de saudosismo pátrio. As recordações do Natal em terras macaenses recebem a dimensão de um retrato, revelando um instantâneo daquele momento, daquelas pessoas, especialmente na figura da Sra. Tung.

A série de legados que a cultura cristã deixou ao ocidente faz-se necessário ressaltar a partir da leitura do conto, como a tradição do exame de consciência e do confessionário, representados aqui por meio da literatura autobiográfica, tônus da narrativa de Ondina Braga. Entre a professora portuguesa, que sintomaticamente não

tem o nome identificado, e a senhora chinesa, constituiu-se um relacionamento que mimetiza esses dois aspectos, o exame de consciência feito pela Sra. Tung em relação a sua dupla e excludente prática religiosa (venerar a deusa da fertilidade e cultuar Jesus Cristo), a revelação de seu segredo íntimo à narradora, propiciando nesse ato uma espécie de confissão.

E assim, pelas memórias do olhar de uma portuguesa em Macau e do segredo revelado entre estrangeiras, o “Natal Chinês” oferta um momento de trocas recíprocas, simbólicas, mas, acima de tudo, de significativa expressão de uma interculturalidade em que as diferenças são diluídas pela compreensão e solidariedade em relação ao outro.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Rafael Ávila. *A influência da cultura portuguesa em Macau*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Cultura, 1984.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antônio da Costa Leal e Lícia do Valle Costa Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BOTAS, João. *O Natal em Macau*. 2014. Disponível em:
<<http://blog.lusofonias.net/?p=23563>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: ROUANET, Sérgio Paulo (Org.). *Obras Escolhidas. Vol. I*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRAGA, Maria Ondina. Natal chinês. In: *A China fica ao lado*. 4. ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1991.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ELZENGA, J. G. *Clepsidra, de Camilo Pessanha (1967-1926) e o movimento do Decadentismo e Simbolismo em Portugal*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Humanidades. Universidade de Utrecht, Utrecht/Alemanha, 2009.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. 6. ed. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LISBOA, Eugénio. Recensão crítica A China Fica ao lado de Maria Ondina Braga. In: *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, Lisboa: n. 23, p. 81-82, jan. 1975.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.

SIMAS, Mônica. *Margens do destino: Macau e a literatura em língua portuguesa*. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2007.